

# LES CHOUANS: BREVE ESTUDO

Rosária Cristina Costa Ribeiro<sup>1</sup>

**RESUMO:** Honoré de Balzac (1799-1850) possui uma vasta e importante obra, quase toda reunida em sua **Comédie Humaine**. Entretanto, a primeira obra assinada por ele mesmo é um romance histórico à moda de Walter Scott, **Les Chouans** (1829), que, juntamente com **Une passion dans le désert** (publicada pela primeira vez em 1830), constitui **Les scènes de la vie militaire**. Um ponto que marca uma inovação em relação ao mestre inglês é a ligação amorosa presente no romance balzaquiano. O envolvimento entre as personagens de Montaurant e de Marie de Verneuil é classificado por alguns críticos de Balzac como o mais ardente e romântico de toda a sua obra. **Les Chouans ou la Bretagne en 1799** é o romance que inaugura o tema da *Chouannerie* (resistência contrarrevolucionária no norte da França, sobretudo na Bretanha) e da Revolução francesa no Romantismo desse país, sendo depois seguido por Barbey d'Aurevilly, Victor Hugo e Elémir Bourges, entre dezenas de outros. Assim, o presente artigo trata da espacialidade romanesca de modo inicial, com o intuito de levantar algumas reflexões sobre sua forma de utilização nesse primeiro romance balzaquiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Francesa – Espacialidade – Vendée – Honoré de Balzac.

**ABSTRACT:** Honoré de Balzac (1799-1850) has a vast and important work, nearly all of which collected in his **Human Comedy**. Nevertheless, the first work he signed as himself is a historical novel in the manner of Walter Scott, **The Chouans** (1829), which, together with **A passion in the desert** (first published in 1830), constitutes the **Scenes from military life**. A point which indicates an innovation in relation to the English master, though, is the liaison present in the Balzaquian novel. The involvement between the characters Montaurant and Marie de Verneuil is classified by some of Balzac's critics as the most ardent and romantic in all his work. **The Chouans or Brittany in 1799** is the novel which inaugurates the themes of the *Chouannerie* (counter-revolutionary Resistance in the north of France, especially in Brittany) and the French Revolution in this country's Romanticism, being later followed by Barbey d'Aurevilly's, Victor Hugo's and Elémir Bourges's works, among dozens of others. This paper addresses the novelistic spatiality, based on the route taken by the characters during the plot.

**KEYWORDS:** French Literature – Spatiality in romance – Vendée – Honoré de Balzac.

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, FCL – UNESP – Campus Araraquara. E-mail: rosariacosta@gmail.com

## A gênese da obra ou uma introdução

Inspirado pela leitura de **Ivanhoé** (1820), **Les Chouans ou la Bretagne en 1799** (1829) é o primeiro romance publicado por Honoré de Balzac como Balzac ele mesmo e também o primeiro a fazer parte da **Comédie Humaine** (1829-1855). Esse romance, juntamente com **Une passion dans le désert** (1830), compõe **Scènes de la vie militaire**, que, por sua vez, está contida nos **Études de moeurs**; este, junto com os **Études Philosophiques** e **Études analytiques**, constituem as três divisões dessa obra monumental que é composta por 95 romances publicados (além dos 48 por terminar), planejados e escritos ao longo de 26 anos. Anteriormente a 1829, o autor já havia escrito alguns romances, projetado muitos (entre as tentativas constam diversas ‘versões’ dos romances de Walter Scott talvez pela popularidade dos romances de Scott e a visão do lucro rápido que esses romances poderiam produzir), mas sempre com pseudônimos como Lord R’Hoone (**Jean-Louis** (1823), **Clotilde de Lusignan** (1823), **L’Héritière de Birague** (1822)) ou ainda como Horace de Saint-Aubin, em uma juventude tumultuada e repleta de problemas financeiros.

Em 1828, Balzac inicia uma pesquisa para a elaboração do romance que, segundo imaginava, seria de fácil escritura. O primeiro passo é a estadia em Fougères, Bretanha:

Depuis un mois, je travaille à des ouvrages historiques d’un intérêt et j’espère qu’à défaut d’un talent tout à fait problématique chez moi, les moeurs nationales me porteront peut-être bonheur. [...] On m’a présenté, par hasard le plus pur, un fait historique de 1798 qui a rapport à la guerre des Chouans et de Vendéens, lequel me fournit un ouvrage facile à exécuter. Il n’exige aucune recherche, si ce n’est celle des localités. Ma première pensée a été pour vous et j’aivais résolu d’aller vous demander asile pour une vingtaine de jours. (BALZAC citado em TROUSSON, 1997, p. 436-437).

Prevista para durar no máximo vinte dias, essa estada se arrasta por quase dois meses, durante os quais ele capta informações para a elaboração de seu romance. Os aproximadamente quarenta dias de pesquisas que resultaram em **Le Gars**, primeiro título que recebera a obra. Após esse título, vários outros foram pensados por Balzac, como o de inspiração scottiniana, **Les Chouans ou la Bretagne il y a trente ans**. Entretanto, o romance foi publicado em 1829 com o título **Le dernier Chouan ou la Bretagne en 1800**, com clara inspiração de **O último dos moicanos** (1826) de Cooper. A versão final, com as correções sugeridas por Madame de Hanska só ficou pronta em 1834 com o título que conhecemos hoje **Les Chouans ou la Bretagne en 1799**.

## 1. O enredo

Ao partir dos consagrados modelos de Scott, Balzac tencionava reescrever a História francesa, especialmente eventos ligados à Revolução de 1789, expressando, entretanto, um ponto de vista diferente. Assim, a data escolhida, 1799, representa um momento no qual a República já era vitoriosa e os últimos focos de resistência nada mais eram do que os derradeiros suspiros de um doente próximo ao fim. Dessa forma, apesar da representação quase caricata que o exército republicano acaba ganhando nas figuras de Corentin e do Hulot, o desfecho apresenta uma República vitoriosa, triunfante, reconhecida inclusive pelo chefe monarquista, Le Gars.

O enredo de **Les Chouans**, assim como grande parte da obra balzaquiana, surgiu da observação da sociedade ou de relatos conhecidos. Nesse romance histórico, Balzac inspira-se em uma história na qual o desejo de vingança provoca a derrocada final:

[...] Quant à l'anecdote, peut-être s'agit-t-il de celle que rapporte dans ses Mémoires la duchesse d'Abrantès et que Balzac a pu transposer en autres temps et lieux. Le vicomte François d'Aché, qui avait pris part au complot de l'an XII contre Bonaparte, fut envoyé par le comité de Londres sur la côté française avec la mission de trouver de l'argent pour la cause. Aidé par deux femmes, la marquise de Combray et sa fille, Mme Acquet, il s'était résolu, non sans répugnance, à piller, en juin 1807, la voiture postale d'Alençon. L'affaire tourna mal : Mme de Combray fut emprisonnée, Mme Acquet et son amant Le Chevallier furent écécutés. Selon Mme d'Abrantès, d'Aché se réfugia à Caen chez une ancienne maîtresse, Mme de Vaubadon, qu'il avait naguère abandonnée. Par vengeance et cupidité, elle l'aurait livré à la police pour soixante mille francs et d'Aché avait été abattu par les gendarmes. La réalité est un peu moins romanesque, car Mme de Vaubadon n'avait aucun motif de jalousie passionnelle, mais Balzac a préféré le version de la duchesse, évidemment plus séduisante pour un romancier, dont il a pu s'inspirer déjà pour *Les tableaux d'une vie privée*. [...]. (TROUSSON, 1997, p. 437).

Esse relato apresentado por Mme d'Abrantès representa o extrato do que será **Les Chouans**. O jovem nobre Montauran recebe da nobreza francesa, refugiada na Inglaterra, a missão de arrecadar fundo e organizar uma nova investida vendeana contra a República. Entretanto, Fouché, líder das armadas revolucionárias, cria uma estratégia na qual uma bela jovem, Marie de Verneuil, é incumbida por trezentos mil francos de seduzir e

entregar Montauran. Em meio à disputa entre **Bleus e Blancs**, em uma guerra já perdida para esses últimos, a paixão floresce nesses dois corações que pertencem a lados opostos na batalha. Para Balzac, essa era o elemento essencial que faltava aos romances de Scott: a intriga amorosa.

[...] Balzac était le premier conscient de cette différence par rapport à son modèle, puisqu'il fera dire à Daniel d'Arthez, dans *Illusions perdues* : « Walter Scott est sans passion, il l'ignore, ou peut-être lui était-elle interdite par les moeurs hypocrites de son pays. Pour lui, la femme est le devoir incarné. [...] La femme porte le désordre dans la société par la passion: la passion a des accidents infinis. [...] »<sup>2</sup>. (BALZAC apud TROUSSON, 1997, p. 441).

**2** BALZAC, Honoré de. *La Comédie Humaine*, Paris : Gallimard, 1976-1981. tomo V, p. 313. (Bibliothèque de la Pléiade, edição dirigida por P.-G. Castex).

Neste ponto, torna-se inevitável fazer uma pequena pausa para esclarecer rapidamente alguns pontos dos conceitos de romance histórico. Em linhas gerais, ao contrário do que acontece com alguns romances de fundo histórico, quando a História é simplesmente usada como pano de fundo para a intriga amorosa, ou de História romanceada, nos quais os homens e mulheres saltam dos livros e registros históricos para tornarem-se personagens de um texto literário, no romance histórico tradicional a História, ou melhor, a ideologia histórica conduz o enredo. Dessa forma, entre as diversas formas de interpenetração de história e romance, a que mais nos chama a atenção é aquela manifestação do romance conhecida como histórica e tradicional, e que contribuiu especialmente para a fase nacionalista do Romantismo no Ocidente, segundo diversos autores, pode assim ser adjetivada pela sua investigação do passado. Entretanto, a grande diferença entre este tipo de romance e as obras da historiografia do período é a substituição dos grandes 'fatos públicos' (Bernard, 1996) pelos 'pequenos fatos verdadeiros'; ou ainda, nas palavras do próprio Victor Hugo (2002), na substituição da História pela lenda. Essa troca pode, dessa forma, proporcionar à narrativa ocupar-se muito mais com a representação de indivíduos médios (Scott) ou representativos de 'espécies sociais' (Balzac) do que a historiografia. Ora, em Balzac, a intriga amorosa serve como argumento e paralelo da História. Toda discussão filosófica e política passa em revisão pela relação amorosa narrada. Podemos pensar aqui, em uma análise bem simplificada, no tema universal da traição: ora, esse tema é o que une a parte claramente histórica da narrativa à ligação amorosa entre as personagens. Marie de Verneuil hesita a todo instante entre 'entregar' o chefe *chouan* e proteger seu único amor. Ao entregar Montaurant, ela, Marie, torna-se traidora perante seu amado, ao protegê-lo ela torna-se traidora para a República.

Roman historique ou roman d'amour ? On pourrait hésiter, puisque le sentiment y tient une place déterminant et que, sur ce point, Balzac s'est écarté de Walter Scott, qui lui attribue une importance mesurée sans lui accorder une fonction dans l'action. Or la critique n'a pas hésité parfois à tenir la passion de Marie de Verneuil et du Marquis de Montauran pour la plus romantique de la **Comédie humaine**. Balzac était le premier conscient de cette différence par rapport à son modèle, [...].

Dans le couple d'amants, Montauran – le Gars – est le moins convaincant. Quoiqu'il n'éprouve d'abord pour elle qu'un désir indifférencié qui procède de son 'amour immodéré des femmes', on conçoit qu'il s'éprenne de Marie, dont il n'a pourtant pas tardé à découvrir la véritable identité. Mais on est surpris de voir cet homme, fort jeune il est vrai mais investi de pouvoirs considérables, mandaté par les princes pour réunir 'les efforts des Vendéens à ceux des Chouans', chargé d'une mission politique et militaire capitale, 'une tête qui vaut milliers de têtes', s'abandonner à des sentiments dangereux non seulement pour lui-même mais pour sa cause, compromettre à plusieurs reprises la sécurité des gentils-hommes et des Chouans et se livrer à des imprudences de sous-lieutenant courant la grisette. L'homme qui doit soulever la Bretagne pour imposer des conditions à Bonaparte s'expose follement dans des rendez-vous galants, marivaude sur la route sous l'oeil des républicains qui escortent Marie, la rejoint dans une chaumière au plus fort des rencontres des Blancs et des Bleus, se glisse dans la maison de Fougères quand la ville est tenue par le commandant Hulot. Tout cela serait bien invraisemblable si Balzac ne réussissait à le faire accepter dans l'élan romanesque et l'imminence permanente du danger comme dans l'affrontement constant des amants, à la fois unis et séparés par les luttes politiques. (TROUSSON, 1997, p. 440-442).

Uma das consequências do procedimento utilizado por Balzac é que intriga amorosa abre o enredo para uma maior participação feminina, que acaba tornando-se a personagem responsável por conduzir o enredo, por meio de seu deslocamento pelos espaços retratados. Esse fato ocorre, sobretudo, pela maior liberdade histórica que o feminino representa em relação ao masculino. Sempre a margem da historiografia oficial, poucas foram as mulheres que se tornaram personagens históricas registradas oficialmente. A partir dessa escolha, Balzac ganha maior liberdade para sua criação, uma vez que a contestação do não-literário sobre o literário, do comprovável sobre o ficcional, da qual muitas vezes os romances históricos são alvo, passa a ser menos verificável, criando-se, assim, uma 'zona de

conforto' pela qual o romancista pode transitar e agradecer a esse leitor que ainda não está habituado a divisão entre História e ficção, recente em 1829.

## 2. A estrutura romanesca

No que diz respeito à estrutura da obra, esse é um romance dividido em três partes, a saber, **L'embuscade**, **Une idée de Fouché** e **Un jour sans lendemain**. Em **Les chouans** os títulos dos capítulos não representam divisões nas espacialidades, mas sim informações e rupturas importantes no enredo. Entretanto, um fato importante é que o primeiro capítulo de Balzac reúne praticamente toda a descrição da espacialidade e serve como introdução aos demais capítulos, e sobre tudo ao terceiro, no qual se concentra a intriga. Esse é um procedimento comum aos romances históricos franceses do século XIX; ao construir um panorama histórico-espacial, o autor conduz a forma como o leitor passa a enxergar as personagens nos próximos capítulos ou partes. Assim, é por meio da espacialidade, principalmente, que se constitui o caráter e a filiação dessas personagens, de modo que ambas estejam conectadas e interconstituídas.

Segundo o crítico René Guise (1983),

Quand Balzac, pour l'édition Furne, réduisit à trois le nombre des subdivisions de son roman, il plaça ici, et de façon heureuse, la coupure entre la première et la deuxième partie. Mais elle se situe au milieu de l'ancien chapitre VI.

Se termine donc ici ce qui peut être considéré comme le prologue du roman, la véritable action romanesque n'étant pas encore engagée (on n'a pas encore vu l'héroïne). Cette première partie a surtout servi à poser le contexte historique et le décor : reprise de l'agitation dans l'Ouest, coïncidant avec les problèmes du Directoire, et les réactions lors de l'installation du Consulat.

[...] Ici, Balzac a ajouté deux paragraphes pris dans une proclamation de Bonaparte aux départements de l'Ouest du 21 nivôse (11 janvier 1800). Ils sont, en partie, postérieurs à l'action du roman (fin novembre 1799).

Notons encore que ce prologue a annoncé des épisodes du roman : la réunion de la Vivetière où aura lieu le massacre des bleus, l'expédition des chouans à Mortagne qui explique la futur rencontre des personnages à Alençon. On a même annoncé que le Gars serait combattu par la 'ruse et la trahison' et qu'on envoie 'des femmes' contre lui. (GUISE, 1983, p. 472).

Praticamente, todos os espaços e deslocamentos realizados durante todo o romance já são pré-ditos nesse primeiro capítulo. De modo didático, Balzac adianta sempre a informação sobre o deslocamento especial, ou seja, traça um percurso para seu leitor, que, nos demais capítulos, poderá ‘encaixar’ a intriga amorosa nesse contexto previsto, procedimento comum entre os romances do período e também entre os romances históricos tradicionais do século XIX. Um exemplo dessa estratégia é o trecho que retrata a previsão da cobrança da dívida de Orgemont, todo:

- Où vous les paierai-je, demanda d’Orgemont.
- Ta maison de campagne de Fougères n’est pas loin de la ferme de Gibarry, où demeure mon cousin Galope-Chopine, autrement dit le grand Cibot, tu les lui remettras, dit Pille-miche.
- Cela n’est pas régulier, dit d’Orgemont.
- Qu’est-ce que cela nous fait ? reprit Marche-à-terre. Songe que, s’ils ne sont pas remis à Galope-Chopine d’ici à quinze jours, nous te rendrons une petite visite qui te guérira de la goutte, si tu l’as aux pieds. (BALZAC, 1983, p. 70)

Assim, desde o primeiro capítulo a fazenda de Orgemont e a humilde morada de Galope-Chopine são estabelecidas como espacialidades em uma forma de “pré-texto”, ou seja, algo que está anterior ao texto, ao enredo; elas são descritas como lugares utilizados por monarquistas anteriormente ao enredo, em digressões apresentadas pelo próprio narrador ou pelo discurso direto das personagens.

### 3. *L’embuscade* ou a introdução da intriga

No que tange ao presente artigo, as análises aqui apresentadas são compostas de trechos retirados do primeiro capítulo do romance, que serve como introdução aos outros dois capítulos e no qual a constituição da espacialidade romanesca toma conta. Como introdução à narrativa, pouco do enredo desenvolve-se nesse primeiro capítulo, não há nem mesmo a personagem de Marie de Verneuil.

Em linhas gerais, podemos dizer que existem três tipos de descrição espacial no primeiro capítulo do romance. O primeiro diz respeito à *province*, ao estabelecimento do território em sua divisão política; já do segundo tipo fazem parte os trechos que ressaltam as características do périplo a ser seguido, a saber, o interregno entre Mayenne e Alençon. Por fim, o terceiro tipo de descrição é aquele que trata das peculiaridades, das



especificidades, dos pormenores, ou seja, são os extratos nos quais o autor tem maior liberdade e acaba empregando um número maior de adjetivos.

Assim como em outros romances históricos do século XIX, já nas primeiras linhas são estabelecidos o período histórico representando e espacialidade. Desse modo, o narrador define claramente qual parte da França será o palco de seu romance histórico:

[...] Les départements de l'Ouest, connus sous le nom de Vendée, la Bretagne et une portion de la Basse-Normandie, pacifiés depuis trois ans par les soins du général Hoche après une guerre de quatre années, paraissaient avoir saisi ce moment pour recommencer la lutte. [...]. (BALZAC, 1983, p. 10).

Como nos demais romances sobre a Guerra da Vendée, a região Oeste é vista como o centro de tradições arcaicas e que remontam aos antepassados. Entretanto, não se pode esquecer que foi do porto de Honfleur que partiram os primeiros expedicionários ao Québec e foi também nessa região que se desenvolveram as principais guerras contra a Inglaterra:

[...] La Bretagne est, de toute la France, le pays où les moeurs gauloises ont laissé les plus fortes empreintes. Les parties de cette province où, de nos jours encore, la vie sauvage et l'esprit superstitieux de nos rudes aïeux sont restés, pour ainsi dire, flagrants, se nomment le pays des Gars. [...]. (BALZAC, 1983, p. 21).

Segundo Ragon (1986), a ideia propagada pela historiografia (sobretudo pela obra de Michelet (1798-1874)) de uma região revoltosa devido a sua ignorância perante o novo modo de vida estabelecido a partir da Revolução francesa é falsa. Segundo ainda o mesmo pesquisador, a referida região entrou em conflito com Paris exatamente para assegurar um dos lemas da revolução: a liberdade; especialmente, a liberdade de culto, uma vez que os padres que não aderiam aos ideais republicanos eram perseguidos e assassinados, além, é claro, de serem impedidos de exercer o ofício.

A ligação com o mar e com a Inglaterra também está presente nesse romance:

[...] En Bretagne, les royalistes s'étaient rendus maîtres de Pontorson, afin de se mettre en communication avec la mer. La petite ville de Saint-James, située entre Pontorson et Fougères, avait été prise par eux, et ils paraissaient vouloir



en faire momentanément leur place d'armes, le centre de leurs magasins ou de leurs opérations. De là, ils pouvaient correspondre sans danger avec la Normandie et le Morbihan. [...]. (BALZAC, 1983, p. 71).

Assim como em outros romances sobre a *Chouannerie*, uma ênfase muito grande é dada à tentativa contrarrevolucionária de domínio dos portos da Normandia, apesar desse espaço não ser diretamente apresentado no romance. O mar é sempre o horizonte longínquo e a 'porta de entrada' para o estrangeiro que quer aceder às terras francesas. Nos romances históricos que se desenrolam no norte francês, esse 'estrangeiro' é quase sempre o inglês ou mesmo o próprio francês exilado nas Ilhas Britânicas. De acordo com Bernard (1996), nos romances históricos sobre a *Chouannerie*, a Inglaterra é o espaço do pré e do pós-texto. Em *Les Chouans*, essa característica se realiza amplamente: a Inglaterra é o espaço onde está refugiada a nobreza francesa e é também de onde parte Montaurant, ou seja, é o pré-texto. Nas últimas páginas do romance, gravemente ferido, Montaurant encarrega o comandante Hulot de levar a seu irmão mais novo, na Inglaterra, a mensagem de não continuar a guerra contra a República (pós-texto).

Ao que se refere ao deslocamento pelo norte francês, é preciso dizer que grande parte do romance balzaquiano tem como espaço a estrada. Em quase três quartos do livro as personagens estão se deslocando, seja a *demi-brigand* de Hulot, de Fougères a Mayenne (deslocamento leste-oeste), seja o quarteto Marie de Verneuil, Montauran, Madame du Gua e Francine que vão de Mayenne à Alençon (deslocamento oeste-leste), onde nunca chegam.

[...] partis le matin de Fougères pour se rendre à Mayenne, gravissaient la montagne de la Pèlerine, située à mi-chemin environ de Fougères à Ernée, petite ville où les voyageurs ont coutume de se reposer. (BALZAC, 1983, p. 5).

Na jornada empreendida no primeiro capítulo, o primeiro espaço a ser ultrapassado é a montanha de *La Pèlerine*. A figura da montanha, em geral, constitui-se como uma etapa penosa e cheia de dificuldades. No caso do romance balzaquiano, corresponde ao primeiro enfrentamento entre os soldados da república e os *chouans*. A certeza da emboscada faz surgir a exploração minuciosa dos arredores pelos próprios soldados: [...] *Ils examinaient alors à la dérobée les bois, les sentiers et les rochers qui encaissaient la route, [...]*. (BALZAC, 1983, p. 8-9).

Em **Les Chouans**, montanhas e florestas se alternam. Nesse romance, a montanha não representa necessariamente a morada dos

deuses, como previam Claudie Bernard (1996) e como consta também no **Dicionário de Símbolos**, de Chevalier e Gheerbrant (1993) (verbetes Montanha). Nesse romance, a subida ou descida da montanha representa algo diverso da elevação espiritual e a capacidade de reflexão do que propriamente um lugar a salvo da selvageria representada sobre tudo pelos bosques. Por outro lado, o espaço silvícola possui uma forte ligação com a barbárie e emboscada (palavra que dá título ao primeiro capítulo do romance).

Assim como em outros romances sobre a *Chouannerie*, a paisagem campestre é predominante. Balzac frisa o abandono em que se encontrava essa região após anos de guerra (a Guerra da Vendée durou efetivamente de 1793 a 1799, apesar da pacificação só ter chegado após 1815, ano dos últimos levantes):

[...] **Ce malheur s'explique assez par la nature d'un sol** encore sillonné de ravins, de torrents, de lacs et de marais ; hérissé de haies, espèces de bastions en terre qui font, de chaque champ, une citadelle ; privé de routes et de canaux ; puis, par l'esprit d'une population ignorante, livrée à des préjugés dont les dangers seront accusés par les détails de cette histoire, et qui ne veut pas de notre moderne agriculture. [...] Là point de villages. Les constructions précaires que l'on nomme des logis sont clairsemées à travers la contrée. Chaque famille y vit comme dans un désert. (BALZAC, 1983, p. 22 – grifos nossos).

Balzac, assim como Hugo em seu **Quatrevingt-treize**, chama a atenção para a natureza agreste da região, entretanto o autor de **Les Chouans** pinta com cores mais fortes o estado de quase miséria em que vivia a população. Por outro lado, ele liga também a espacialidade, a composição do terreno ao espírito da população, ou seja, a espacialidade compondo a personagem, seguindo o padrão iniciado por Walter Scott. Entretanto, não se trata, obviamente, da valorização da personagem das classes baixas como analisa Auerbach (2004), no penúltimo capítulo de *Mimesis*, pois o 'Chouan' importante para o enredo é o nobre Montauran, e não os campesinos, que ocupam um papel secundário na trama balzaquiana.

[...] Le détachement des Bleus servait donc d'escorte à ce rassemblement d'hommes presque tous mécontents d'être dirigés sur Mayenne, où la discipline militaire devait promptement leur donner un même esprit, une même livrée et l'uniformité d'allure qui leur manquait alors si complètement. (BALZAC, 1983, p. 9).

Uma estratégia muito usada pelo autor é alertar o leitor sobre uma descrição mais minuciosa. Balzac faz uso desse tipo de minuciosa no primeiro e no último capítulos, sempre chamando a atenção do leitor para a importância dos detalhes descritos:

Du sommet de la Pèlerine apparaît aux yeux du voyageur la grande vallée du Couësnon, dont l'un des points culminants est occupé à l'horizon par la ville de Fougères. Son château domine, en haut du rocher où il est bâti, trois ou quatre routes importantes, position qui la rendait jadis une des clés de la Bretagne. Les officiers découvraient alors, dans toute son étendue, ce bassin aussi remarquable par la prodigieuse fertilité de son sol que par la variété de ses aspects. De toutes parts, des montagnes de schiste s'élevaient en amphithéâtre, elles déguisent leurs flancs rougeâtres sous des forêts de chênes, et recèlent dans leurs versants des vallons pleins de fraîcheur. Ces rochers décrivent une vaste enceinte, circulaire en apparence, au fond de laquelle s'étend avec mollesse une immense prairie dessinée comme un jardin anglais. La multitude de haies vives qui entourent d'irréguliers et de nombreux héritages, tous plantés d'arbres, donnent à ce tapis de verdure une physionomie rare parmi les paysages de la France, et il enferme de féconds secrets de beautés dans ses contrastes multipliés dont les effets étaient assez larges pour saisir les âmes les plus froides. En ce moment, la vue de ce pays était animée de cet éclat fugitif par lequel la nature se plaît à rehausser parfois ses impérissables créations. Pendant que le détachement traversait la vallée, le soleil levant avait lentement dissipé ces vapeurs blanches et légères qui, dans les matinées de septembre, voltigent sur les prairies. A l'instant où les soldats se retournèrent, une invisible main semblait enlever à ce paysage le dernier des voiles dont elle l'aurait enveloppé, nuées fines, semblables à ce linceul de gaze diaphane qui couvre les bijoux précieux et à travers lequel ils brillent imparfaitement, en excitant la curiosité. Dans le vaste horizon que les voyageurs embrassèrent, le ciel n'offrait pas le plus léger nuage qui pût faire croire, par sa clarté d'argent, que cette immense voûte bleue fût le firmament. C'était comme un dais de soie supporté par les cimes inégales des montagnes, et placé dans les airs pour protéger cette magnifique réunion de champs, de prairies, de ruisseaux et de bocages. Les officiers ne se lassaient pas d'examiner cet espace où jaillissaient tant de beautés champêtres. Les uns hésitaient longtemps avant d'arrêter leurs regards parmi l'étonnante multiplicité de ces bosquets que les teintes sévères de quelques touffes jaunies enrichissaient des couleurs du bronze, et que le vert émeraude des prés irrégulièrement coupés faisait encore ressortir. Les autres s'attachaient aux contrastes offerts par des champs

rougeâtres où le sarrasin récolté s'élevait en gerbes coniques semblables aux faisceaux d'armes que le soldat amoncèle au bivouac, et séparés par d'autres champs que doraient les guérêts des seigles moissonnés. Cà et là, l'ardoise sombre de quelques toits d'où sortaient de blanches fumées ; puis les tranchées vives et argentées que produisaient les ruisseaux tortueux du Couësnon, attiraient l'oeil par quelques-uns de ces pièges d'optique qui rendent, sans qu'on sache pourquoi, l'âme indécise et rêveuse. La fraîcheur embaumée des brises d'automne, la forte senteur des forêts, s'élevaient comme un nuage d'encens et enivraient les admirateurs de ce beau pays, qui contemplaient avec ravissement ses fleurs inconnues, sa végétation vigoureuse, sa verdure rivale de celle des îles d'Angleterre, dont il est à peine séparé et dont il porte même le nom. Quelques bestiaux animaient cette scène déjà si dramatique. [...]. (BALZAC, 1983, p. 14-15).

Nesse momento, a narração acaba sofrendo uma longa pausa, que se arrasta por várias páginas que, como já apontado anteriormente, coloca o leitor dentro do ambiente da ação, garantindo um lugar especial à espacialidade no desenrolar da trama. O que não se pode esquecer é que Balzac é um escritor muito hábil na arte de descrever, principalmente a pintura dos costumes da sociedade parisiense do século XIX, em outras obras de sua *Comédie*.

#### 4. À guisa de conclusão

Com **Les Chouans** (1829) Balzac inaugurou um dos temas mais caros ao Romance Histórico francês: a Revolução francesa. Sobretudo, esse romance ressaltou as características de uma revolta dos departamentos do Oeste francês, que, segundo Hugo em **Quatre-vingt-treize**, “*La Vendée est une plaie qui est une gloire*” (HUGO, 2002, p. 232). O período retratado intitulado como ‘Guerra da Vendée’ foi um movimento que teve como característica a *Chouannerie*, forma de guerrilha que tinha como característica a imitação do grito da coruja (*chouin*, no dialeto regional). Entretanto, esse movimento contrarrevolucionário sempre foi pouco conhecido, verdadeiramente misterioso, mesmo no período de publicação de **Les Chouans**: segundo Ragon (1986), durante a Restauração, Louis XVIII encarrega o Conde de Beauvillier de fazer-lhe um relatório sobre a região. Por outro lado, a *Vendée* simboliza até hoje (graças às várias obras que trataram o tema) a resistência e a persistência dos franceses perante as mudanças provocadas pela revolução, bem como a desolação da região após anos de guerra, o *attachement* do povo a suas crenças, seu chão e sua religião.

---

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo : Perspectiva, 2004.

BALZAC, Honoré de. *Les Chouan*. Paris : Le livre de Poche, 1983.

BERNARD, Claudie. *Le passe recomposé: le roman historique français du dix-neuvième siècle*. Paris : Hachette, 1996.

CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des symboles*. Paris : Robert Laffont/Jupiter, 1993. (14ª reimpressão).

HUGO, Victor. *Quatrevingt-treize*. Paris: Gallimard, 2002.

GUISE, René. 'Balzac et le roman historique'. In : *Revue d'Histoire littéraire de la France*. Paris : Société d'Histoire littéraire de la France, jan-fev 1975, ano 75, nº 1. p. 353-372.

RAGON, Michel. 'Préface'. In : *Vendée, chouannerie, littérature : Actes du Colloque*. Angers : Presses de l'Université d'Angers, 1986. p. 13-17.

TROUSSON, Raymond. *Le roman noir de la Révolution Française*. Paris : Nathan, 1997.